

A HISTÓRIA COMO INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA: UMA EXPERIÊNCIA UNIVERSITÁRIA

Daniel de Souza Costa

Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG)

daniel.souza.costa@hotmail.com; daniel.costa@pitagoras.com.br

Júlia Calvo

Doutoranda em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas)

Mestre em Educação pela Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT)

juliacalvo1@gmail.com

RESUMO

O *trabalho* aqui apresentado é fruto da experiência docente nas disciplinas dos cursos de Engenharia e Administração (Homem, Cultura e Sociedade; Ética, Política e Sociedade; Produção do Conhecimento) de uma Faculdade na capital de Minas Gerais, Belo Horizonte. Perguntas como: “*O que vou fazer com essa(s) disciplina(s) nos cursos de Engenharia e Administração?*”, dão o tom que caracteriza o cotidiano do docente que se arrisca por esse caminho. Um dos muitos desafios existentes apresenta-se na seguinte questão: como o ensino de História pode ajudar aos discentes desses cursos a construir perspectivas críticas e abordagens próprias que permitam a elaboração de reflexões e leituras de mundo que ultrapassem a idéia das expectativas das demandas de mercado? Não buscamos evidenciar uma resposta, mas apresentar a experiência docente realizada que se define a partir do pensar sobre o papel do professor na disciplina de História a partir das reflexões de Bittencourt (2004). A proposta docente aqui discutida baseia-se na seleção de um eixo temático: o *trabalho*. A partir do tema são desconstruídos modelos e desenvolvidas análises que se aproximam, principalmente, por meio da experiência, com o campo profissional da escolha do grupo contribuindo com a reflexão do ensino da História na formação geral dos cursos universitários.

Palavras-chave: Ensino de História; Cursos Universitários; Experiência Docente; Trabalho.

ABSTRACT

This article comes from the experience of teaching some subjects in Engineering and Administration courses (Man, culture and Society; Ethics, Politics and Society and also Production of Knowledge) at a University in the capital of Minas Gerais, Belo Horizonte. Questions such as: “How useful this subject will be when I become an Engineer?” set the tone that characterizes the daily life of the professor who walks through this path. One of many existing challenges presented in the following query comes out in the following question: how can History teaching help students from those courses mentioned above to build critical perspectives and original approaches and enable their development of ideas and perceptions of the world that go beyond the idea of market demands? This article is not intended to show an answer, but to introduce a teaching experience, as per the role of the teacher when teaching History, from the thoughts of Bittencourt (2004). The proposal is based on the selection of the theme: *work*. From the given theme, models and analyses are deconstructed and their approach, mainly through experience, based on the group members’ choice of profession. That contributes to the reflection of History teaching in general education of university courses.

Keywords: History Teaching; University Courses; Teaching Experiences; Work.

1. INTRODUÇÃO

“... as várias modalidades em que, nos dias de hoje, frequentemente se divide o campo historiográfico.

Nota-se não raramente uma grande confusão entre algumas destas modalidades da História, e uma expressiva dificuldade dos interessados em História em situar um trabalho historiográfico qualquer dentro de um destes campos. Veremos que na verdade isto não é possível, já que a ampla maioria dos bons trabalhos historiográficos situa-se na verdade em uma interconexão de modalidades. Se são bons, são complexos. E se são complexos, hão de comportar algum tipo de ligação de saberes, seja os interiores ou exteriores ao saber historiográfico”. (BARROS, 2004, p. 07).

Por que estudar História é pergunta recorrente. Os alunos no ensino regular já fazem tal questionamento (e alguns autores, inclusive livros didáticos já responderam) e na Educação Superior isso não é diferente. Pelo contrário, os alunos do ensino superior estão se dirigindo para uma especialidade explicitada na escolha dos cursos que ingressaram, e não imaginam estudar novamente disciplinas que não compõem, ao menos na visão do senso-comum, os currículos do curso.

“*O que vou fazer com essa(s) disciplina(s) nos cursos de Engenharia e Administração?*” oculta uma outra questão que está ligada à própria concepção de sociedade capitalista: se estou formando e visando o mercado de trabalho não seria mais interessante “gastar meu tempo” com disciplinas da Engenharia e Administração?

Essa visão carregada de preconceitos implica em se pensar a definição de disciplina escolar e do papel do professor de História. Para tanto far-se-á necessário analisar dois caminhos diferentes: a imagem que a sociedade faz sobre a disciplina História e a construção da disciplina História como parte integrante da cultura escolar.

A imagem da sociedade sobre a disciplina está muito atrelada à idéia de estudo do passado, principalmente de um passado distante, com personalidades distantes. Fonseca (2005) ao discutir a cidadania como princípio para educação levanta a questão de que cidadania, ou cidadanias, está se tratando. O processo de construção do conhecimento distante vincula-se à idéia da autora de História ensinada, aquela onde personalidades como Tiradentes, D. Pedro I, Duque de Caxias é que fizeram a História. Há algum tempo ouvi de um aluno de História, uma idéia que aqui reproduzo: a História por muito tempo construiu uma imagem distante no estilo *Guerra nas Estrelas* (Star Wars, o filme): Há muito tempo atrás, numa galáxia muito distante...

Esse passado distante não parece atrativo e nem útil aos olhos dos alunos do ensino fundamental e médio e nem tampouco do ensino superior. Entretanto, a definição das disciplinas escolares reproduz muito mais do que o senso-comum consegue enxergar. As disciplinas escolares são parte integrante da *cultura escolar* que envolve os grupos e as relações estabelecidas entre os grupos que compõem a comunidade escolar. A seleção dos conteúdos está além dos objetivos da ciência histórica (que é produzida no extramuros da escola) e considera um sistema de valores complexo que envolvem o professor e o aluno como sujeitos da produção de conhecimento, além dos interesses próprios da escola e seu papel na sociedade.

Como o estudo se trata do ensino de História para os cursos de Engenharia e Administração, não podemos considerar de forma simplista, o ensino de História como sendo para o ensino superior como um todo. Parte-se da noção de que os professores da universidade desenvolvem práticas diferentes das dos professores da escola, já que em nível universitário não haveria necessidade de adaptar o conteúdo ensinado para o público e o professor trataria de transmitir diretamente o saber (Bittencourt, 2004), respeitar-se-ia a relação ensino-pesquisa seguindo passos e métodos sem maiores cuidados adaptativos. Essa noção se pauta na percepção de que a produção da pesquisa pode ser facilmente incorporada por alunos em idade adulta percorrendo parte do mesmo percurso do professor pesquisador. Entretanto essa noção não se realiza.

Em primeiro lugar, há um distanciamento entre ensino e pesquisa no Brasil e a conseqüente decadência ou crise universitária (Bittencourt, 2004), afastando os objetivos fundamentais dos cursos superiores; em segundo lugar, os alunos do ensino superior, com a democratização do ensino e as políticas

públicas de acesso à universidade, vivenciam a crise da Educação no Brasil, e, com a dificuldade de formação com qualidade, chegam à vida universitária com deficiências visíveis nas várias áreas do conhecimento; em terceiro lugar, no caso específico dos cursos em que a disciplina é oferecida, o “lugar” que a disciplina ocupa na hierarquização dos saberes exigidos pelos cursos a coloca como mais uma disciplina obrigatória na rotina escolar, tal qual no ensino fundamental e médio.

É preciso evidenciar que não consideramos aqui, de fato, a existência de uma hierarquia que indique que uma disciplina deva ser mais valorizada do que outra, mas que todas elas contribuem de forma igualitária para a formação e construção dos saberes necessários aos profissionais que pretendemos formar.

Pretendemos relatar uma experiência de intervenção pedagógica que valoriza e destaca o papel do professor na constituição da disciplina a ser ministrada já que concordamos que é o professor quem *transforma o saber a ser ensinado em saber apreendido, ação fundamental no processo de produção do conhecimento* (Bittencourt, 2004, p. 50). É uma experiência real da atividade docente na área da Engenharia e Administração, de uma Faculdade na capital de Minas Gerais, Belo Horizonte, que segundo a Instituição possui uma proposta pedagógica para esses cursos voltada em perspectivas que privilegiam aspectos humanos, sociais e éticos alinhados às expectativas da sociedade contemporânea.

Para isso, escolhemos para análise os cursos de Engenharia de Produção e Administração que possuem três disciplinas importantes (Homem, Cultura e Sociedade; Ética, Política e Sociedade; Produção do Conhecimento) que dialogam com a possibilidade de abordagens em teorias históricas, estimulando e provocando esse acadêmico para uma formação multi, inter e transdisciplinar, buscando formas de aprendizado diferenciadas e contrárias às características das formações clássicas dos cursos associados à categoria das ciências exatas.

Um dos muitos desafios existentes apresenta-se na seguinte questão: como o ensino de História pode ajudar aos discentes desses cursos a construir perspectivas críticas e abordagens próprias que permitam a elaboração de reflexões e leituras de mundo que ultrapassem a idéia das expectativas das demandas de mercado, propósito que geralmente desperta maior interesse e que estrutura grande parte dos cursos de Engenharia e Administração.

Nessa expectativa, o início do nosso percurso é refletir sobre a importância para o estudante de Engenharia e Administração em compreender o sentido de ser um acadêmico, e a partir disso, se conscientizar da responsabilidade em ajudar a construir soluções tanto para as questões mercantis, quanto, principalmente, para a construção de perspectivas que privilegiem os aspectos das responsabilidades sociais que configuram as inúmeras representações e abrangências da contemporaneidade.

Nessa linha de abordagem, é possível perceber algumas questões fundamentais que passam pela realidade do ensino, da escola e da vida desses estudantes, agora inseridos num contexto acadêmico que permite outras leituras de mundo, proporcionando oportunidades de compreensão e transformação do homem em seu tempo e espaço. Alunos que ajudarão a formar a futura estrutura profissional e acadêmica brasileira, indo além das expectativas especulativas associadas aos resultados produtivos de uma economia de mercado.

Nossa abordagem permite suprir e estimular a construção de novas perspectivas de conhecimento que respondam a questões muito sólidas e arraigadas daqueles que se comprometem a buscar uma nova qualificação como, por exemplo, a de Engenheiro. Perguntas que se referem ao conteúdo das disciplinas aplicadas aos cursos de Engenharia e Administração passam a ser respondidas carregadas por sentidos que até então não haviam sido provocados e construídos na realidade desses alunos. Perguntas como: “*O que vou fazer com isso num curso de Engenharia?*”, dão o tom que caracteriza o cotidiano do docente que se arrisca por esse caminho. Buscar respostas com sentidos significativos para esses alunos é o que determina a responsabilidade docente.

O estímulo aos docentes, o desafio ali colocado, é a mola propulsora para construir abordagens que demonstrem a esses alunos a importância em produzir conhecimentos que vão além das propostas básicas, ou seja, das bases técnicas referentes à carga disciplinar referente aos cálculos, a física, a química, a estatística e tantas outras disciplinas que compõem o currículo básico da Engenharia. Com certeza, a esse futuro engenheiro será imposto a faculdade de pensar, analisar, criticar e refletir sobre questões de bases técnicas referentes aos exemplos das disciplinas citadas, no entanto, será também necessário refletir sobre assuntos

referentes às bases sociais, culturais e históricas presentes no dia a dia de trabalho. É o viver histórico. É a vida se expressando em fundamentos históricos que estão muito além das características das bases técnicas. A técnica é apropriada pelos homens em um contexto social e assim se produz, reproduz e se constrói a história. É preciso construir um olhar refinado sobre essas condições, algo que é fundamental para a compreensão do homem no trabalho construindo a sua história.

Como esse futuro engenheiro e administrador pode se relacionar com o chamado *mundo globalizado* repleto de pessoas distintas, culturas distintas, formas de vidas distintas, valores distintos, sem antes construir um olhar que privilegia o histórico, o sociológico e o antropológico? Será que uma perspectiva centrada somente em bases técnicas é capaz de compreender as relações que esses homens constroem em suas relações de trabalho? Será que essa perspectiva é suficiente?

Qual o perfil desses alunos? Para isso, é importante observar e contextualizar a origem dos alunos, quais são suas dificuldades de aprendizado (percebida nas questões associadas à matemática, física), não obstante nas limitações providas em relação à interpretação, compreensão e produção de textos. A heterogeneidade existente no perfil das turmas, que apresentam alunos com várias faixas etárias (de jovens de 18, 19 anos, até pessoas acima de 40 anos), todos buscando e construindo novas oportunidades. E ainda, é importante conhecer o perfil dos professores que estão nesse meio acadêmico? O que pensam? A que servem? Como servem? Em que acreditam? Como é a relação da formação desses alunos no eixo *formação para mercado versus formação para pesquisa*? É possível realizar essa separação? Se existe essa distinção, ou seja, se existe uma formação para atender o mercado, há espaço nesse contexto para pesquisa de âmbito social? É preciso compreender até onde a educação torna-se um negócio e deixa de servir ao propósito de libertação das pessoas. Sob esses parâmetros, é preciso ainda, despertar a curiosidade e estimular nesses alunos a capacidade crítica para a construção do conhecimento.

Revelar a importância da construção de um olhar multi, inter e transdisciplinar para a formação acadêmica e profissional com bases sólidas e consistentes é algo percebido na vontade que esses alunos possuem pelo desejo de saber e aprender, principalmente quando são estimuladas por abordagens com envergadura, centradas em argumentações, raciocínios e objetividades consistentes.

Um convite a uma abordagem pelo caminho da História Imediata, o que o Historiador e Professor José D'Assunção Barros apresenta:

cabe ao historiador produzir um trabalho historiográfico que se relaciona um objeto no qual, de alguma maneira, ele mesmo se insere. O historiador é não apenas um analista do discurso dos outros, mas um produtor de testemunhos dele mesmo; é não apenas um sujeito que examina os atores sociais do passado, mas também um ator ele mesmo. Ou seja, é um ator social envolvido nos acontecimentos que estava estudando (BARROS, 2004, p. 145).

2. O DESAFIO: UMA EDUCAÇÃO UNIVERSITÁRIA PARA ALÉM DAS DEMANDAS DE MERCADO

“O engenheiro de produção é a peça chave na organização de qualquer empresa. Ele atua na organização, no controle e na otimização de processos e operações produtivas, gerenciando recursos humanos, financeiros e materiais para reduzir custos e os prazos de entrega.

Como a gente faz: *o curso de Engenharia de Produção da Faculdade Pitágoras, modalidade plena, capacita o profissional a identificar, formular e solucionar problemas ligados às atividades de projeto, operação e gerenciamento do trabalho e de sistemas de produção de bens e/ou serviços, considerando seus aspectos humanos, econômicos, sociais e ambientais, com visão ética e humanística, em atendimento às demandas da sociedade. O curso está de acordo com a ABEPRO (Associação Brasileira de Engenharia de Produção) e forma um engenheiro capaz de atuar em diferentes campos industriais e de serviços.”* (www.faculdadepitagoras.com.br/belohorizonte/cursos/bachareladolicienciatura/engenhariadeproducao_consulta_em_2011).

Uma das primeiras questões a ser colocada é compreender por que um número elevado de alunos, atualmente, está procurando principalmente e especialmente, cursos de engenharia como opção de graduação? Qual é o momento histórico que a Engenharia vive no atual contexto da história brasileira?

Segundo informações divulgadas no site www.administradores.com.br:

o Brasil sofre com a crescente demanda por engenheiros. Essa nova realidade pode provocar até a importação de mão de obra estrangeira, que mesmo assim não seria suficiente para suprir a demanda atual que o Brasil enfrenta. Segundo a matéria postada no site, forma-se anualmente de 30 a 35 mil engenheiros, mas a demanda é de 60 mil por ano. Setores como petróleo, mineração, construção civil e naval já sofrem com a falta desse profissional. A reportagem acrescenta que a desvalorização da profissão nas últimas décadas provocou uma migração dos alunos para outras áreas profissionais. E que a fragilidade da educação no ensino médio, especialmente nas áreas das matemáticas e ciências, contribuem para o fenômeno da evasão nas universidades.

A reportagem finaliza reconhecendo que essas *soluções emergenciais são apenas paliativos* para uma questão de tremenda envergadura. Por isso ficam as perguntas: como criar uma estrutura para formar especialistas técnicos para o futuro? Como repensar e reestruturar a educação nacional a fim de construir e promover alunos que possam articular competências multidisciplinares, interdisciplinares e transdisciplinares que circulem tanto pelas áreas das ciências exatas quanto pelas áreas das ciências humanas (não esquecendo as ciências da saúde e biológicas)?

2.1. Conhecendo o outro: quem são esses alunos? O que esperam?

O Brasil vive um momento singular em sua história. O País vem passando por desenvolvimento econômico acelerado nas últimas décadas, configurando-se atualmente na noção de um grande País periférico, juntamente com Rússia, Índia e China (Guimarães, 2001), o que tem impactado diretamente na área da produção em geral. Diante desse novo quadro, os brasileiros passaram a articular novas perspectivas pessoais e profissionais para suas vidas.

Os alunos que frequentam os cursos de engenharia e administração da Faculdade a qual nos referimos, apresentam um perfil muito interessante, com peculiaridades muito claras, possíveis de serem identificadas: grande parte deles (a maioria) trabalha durante o dia, geralmente na área industrial, e percebem que a busca por profissionais na área técnica é uma realidade vivida por eles intensamente. É parte do cotidiano a percepção por oportunidades de melhoria (promoções) em seu próprio local de trabalho.

Essa condição é um dos elementos que permite estimular o sacrifício de cada um em encarar um banco de escola após uma jornada intensa de trabalho. Ou até o inverso, encarar um banco de escola e depois partir para uma jornada de trabalho intensa durante o turno noturno da indústria. Muitos desses alunos trabalham em turnos de revezamento: uma semana trabalham pela manhã, na outra à tarde e na sequência estão trabalhando à noite e até na madrugada. Essa condição é um dos elementos que não pode deixar de ser considerado, assim como é percebido o esforço, o compromisso e o desejo de conhecimento que passa a compor a história de cada um desses alunos ao longo do curso.

Alguns desistem, outros mudam de cursos, mas é notória a capacidade que a grande maioria desenvolve ao conhecer e reconhecer a existência de outro mundo diferente daquele que eles estão inseridos. Os alunos, sejam homens ou mulheres, como já dissemos antes, apresentam uma heterogeneidade em seu perfil, variando nas faixas etárias entre 18, 19 anos, até pessoas acima de 40 anos.

2.2. A experiência em sala de aula

Antes de se tornar um engenheiro ou administrador, esse aluno, é necessariamente um acadêmico inserido num contexto diferenciado e privilegiado que precisa produzir conhecimentos e reflexões que permitam a compreensão das articulações políticas, sociais e econômicas que regem o mundo. Essa visão ampliada do conhecimento, centrada em bases sólidas e comprometidas com a construção do conhecimento, inferem e ratificam a coerência e premissa acadêmica na manutenção de um diálogo multi, inter e transdisciplinar que estruturam a construção do conhecimento.

Partindo da minha experiência de vida pessoal e profissional, que vai de encontro às histórias de grande parte desses alunos que frequentam os cursos de Engenharia e Administração, decidimos abordar essas disciplinas (Homem, Cultura e Sociedade; Ética, Política e Sociedade; Produção do Conhecimento) sob o ponto de vista do *trabalho*. O *trabalho* como objeto e meio para compreensão da História, o *trabalho* como forma de aproximar e sensibilizar esses discentes sobre as múltiplas realidades a que estão inseridos. Uma abordagem do *trabalho* sob o prisma do capitalismo, em suas relações mercantis, nas bases de exploração, alienação e cooptação dos trabalhadores.

A escolha do eixo *trabalho*, tomado como tema gerador, promove as relações de interdisciplinaridade entre os saberes docentes e discentes e os conhecimentos que estão sendo (e ainda serão) desenvolvidos nos cursos.

O mundo do *trabalho* é o universo da grande realidade desses alunos e vai ao encontro desses futuros profissionais. É necessário demonstrar a esses futuros engenheiros e administradores o que é o sistema capitalista. A que serve esse sistema? A quem serve esse sistema? É importante e interessante formar engenheiros e administradores que pensem e reflitam para além das lógicas produtivas. Profissionais que compreendam que farão parte de um sistema complexo, que serão *engrenagens* de um sistema que produz muita riqueza, mas também proporciona miséria, desigualdade e alienação para seus trabalhadores.

A grande maioria desses estudantes, futuros profissionais, sonha com salários estratosféricos, que permitam realizar grande parte de seus sonhos materiais. Não que sejamos contra os sonhos materiais individuais e coletivos das pessoas, mas é importante demonstrar que essa riqueza que o sistema capitalista produz não é necessariamente compartilhada por todos que a constroem. Essa riqueza gerada, sob o ponto de vista de uma abordagem sistêmica e acadêmica, demonstra que isso pode ter um custo muito alto para a saúde e bem estar dos trabalhadores inseridos no contexto produtivo.

O contexto produtivo é o local no qual hoje, grande parte desses estudantes estão inseridos enquanto trabalhadores da base produtiva, *partes* responsáveis pela consolidação dos resultados antecipados, preparados e pensados pelos *organizadores* da produção. Esses chamados *organizadores* da produção são os engenheiros e administradores, ou seja, os futuros profissionais que esses alunos se propõem a ser no futuro.

Nossa abordagem visa construir perspectivas que promovam a compreensão das atividades reais de trabalho, indicando os *constrangimentos* e *expropriações* que esses trabalhadores sofrem no sistema capitalista, buscando assim possibilitar transformações que privilegiem e considerem as condições das pessoas que estão envolvidas no processo produtivo. Forjar uma perspectiva que esteja alinhada e comprometida não só com resultados produtivos, mas principalmente com a saúde e bem estar das pessoas que estão inseridas na base da linha de produção.

A primeira proposta, como abordagem inicial, visou abordar as disciplinas dos cursos de Engenharia e Administração, promovendo uma leitura e consideração sobre as perspectivas que o capitalismo oferece para a sociedade. Para isso, tratamos das abordagens conceituais do tema, nos dedicando a abordar o sistema sob a ótica da corrente histórica de Karl Marx e sob a corrente culturalista associada a Max Weber. Isso, seguido por uma explanação da história do capitalismo, o que permitiu construir diversas reflexões sobre o *trabalho*, especialmente sobre a relação entre a criação de valores e riquezas com o fator de expropriação do trabalhador.

Por ser parte da realidade dos alunos, esse tema permitiu um debate amplo e significativo, provocando um interesse e envolvimento geral, enriquecido por relatos de experiências próprias que passaram a reger o contexto de nossos encontros. Conhecer e reconhecer as inúmeras situações constrangedoras que esses alunos sofreram (e sofrem) enquanto profissionais, permitiu assimilar uma perspectiva acadêmica sob o *trabalho* que privilegia o olhar e a experiência daqueles trabalhadores e trabalhadoras que estão no centro do debate. Seja por perda da saúde, seja por acidentes de trabalho, seja por humilhações, maus tratos, todas essas evidências passaram a fazer sentido ao contexto estimulando significativamente o andamento dos nossos encontros.

Numa segunda proposta, apresentamos e comparamos dois autores (Leonardo Boff e Waldez Ludwig) com perspectivas distintas sobre questões contemporâneas: sociedade, mundo do *trabalho*, globalização, ecologia, responsabilidades sociais, enfim, tudo o que interessa a humanidade e que está na

pauta de um debate acadêmico sério e comprometido. Esse tipo de abordagem permitiu demonstrar aos estudantes que não basta saber e dominar as disciplinas técnicas de suas áreas. Ou seja, o cálculo, a física, a estatística, a química e as tendências de mercado. É primordial perceber que aí se encontra o vínculo e a importância da compreensão de saber que antes de se tornar engenheiro ou administrador, esses alunos são universitários que precisam efetivamente construir perspectivas e embasamentos sobre as questões sociais e mundiais do presente e até do futuro.

É preciso tecer argumentos, é preciso ouvir os contra argumentos, é preciso desconstruir e reconstruir novos argumentos sobre as inúmeras questões que assolam voluntariamente e involuntariamente o cotidiano acadêmico. É a partir desse ponto que se compreendeu o fundamento e a importância da construção de uma perspectiva multi, inter e transdisciplinar para o universitário. Esses futuros profissionais compreenderam, mesmo que superficialmente, a importância de saber bem os fundamentos técnicos de suas disciplinas, mas sem abrir mão de orientações associadas às perspectivas e disciplinas afins aos seus cursos. Como construir um texto sem saber o básico da língua portuguesa? Como elaborar uma redação ou tecer um comentário num processo seletivo de emprego sem conseguir dialogar com outras disciplinas que não sejam as básicas de seu curso de origem?

Essa perspectiva cria um paradoxo. Ao perceber e ouvir dos alunos do primeiro período a aflição em conseguir a fluência em outro idioma (especialmente o inglês), provocamos uma reflexão: será que nossa base na língua portuguesa está apropriada para atender o mínimo que será solicitado num contexto futuro de emprego? Será que não é necessário consolidar o meu conhecimento sobre o meu idioma e depois buscar aprender e apreender uma nova língua?

Isso faz parte de discussão histórica direta. É impossível desvincular um tema tão importante quanto esse que nos remete a falácia de nossa história, de nossa educação. Estamos diante de um dilema histórico muito sério no ensino, não só universitário, mas nas nossas bases fundamentais e médias, com raízes históricas muito significativas. Esses alunos chegam ao curso superior com deficiências básicas tanto no ensino de matemática quanto no ensino de português, história, filosofia, ciências, etc.

Essas dificuldades em geral são conhecidas pela sociedade. Mas, no nosso caso, são apreendidas através de exemplos reais e simples, percebidos na dificuldade de desenvolver textos próprios centrados em reflexões e considerações próprias sobre assuntos diversos. Essa constatação que assola a vida desses estudantes serve como elemento fomentador para buscar uma mudança. Esse universitário passa a compreender o seu papel e sua responsabilidade em ajudar a transformar a história do Brasil.

Claro, não são todos os universitários que apostam nessa proposta. Mas a grande maioria compreende que ser engenheiro ou administrador tem que ir muito além do sonho tímido e egoísta centrado na busca de um emprego que ofereça um salário atraente que possa satisfazer apenas as suas necessidades materiais. O propósito de nossas disciplinas dos cursos de engenharias e administração é incentivar e instrumentalizar esses alunos na busca por uma sociedade melhor, por um País mais sério, mais competente, mais digno, centrado em valores que privilegiem uma educação de qualidade, o respeito, a saúde e o bem estar de seu povo.

Numa terceira proposta, privilegamos uma abordagem muito peculiar sobre o *trabalho*, associada aos referenciais da Ergologia e da Ergonomia, que analisam o *trabalho* sob o ponto de vista da *atividade*. A *atividade*, conceito apropriado por ambas as disciplinas, passa a ser tudo aquilo que o trabalhador realiza efetivamente em seu posto de trabalho para dar o resultado produtivo esperado. Essas abordagens ergológicas e ergonômicas tratam também do conflito entre capital versus *trabalho*, privilegiando as competências, os saberes e valores que os trabalhadores constroem durante o agir no trabalho. São perspectivas que desvelam a história em construção privilegiando o trabalhador e sua relação com seu posto de trabalho, com seus companheiros, enfim, com todo o seu contexto que o cerca.

Essa abordagem permite um confronto de *perspectivas* e *saberes*. Os *saberes* produzidos pela organização do trabalho, com sua suposta *infallibilidade* do conhecimento científico versus os *saberes* construídos e constituídos pelos trabalhadores, acumulados ao longo de sua experiência de vida pessoal e profissional e que nem sempre é reconhecida como razão fundamental da materialização dos resultados produtivos.

Construir um olhar sobre o *trabalho* que dialogue com as razões da organização seguida pelas racionalidades produzidas pelos trabalhadores é um dos objetivos centrais que esses engenheiros e administradores precisam estabelecer para efetivar o sucesso no *trabalho*. O sucesso a que nos referimos vai além de alcançar as metas e objetivos propostos. O sucesso está associado a produzir com responsabilidade, construindo e mantendo a saúde dos trabalhadores que compõem esse processo produtivo. É constituir um sucesso com responsabilidade social. Afinal, onde está o direito a saúde e segurança no trabalho?

Para desenvolver essa abordagem associada à perspectiva da *atividade*, utilizamos linguagens diferentes (como a análise do filme *Guerra ao terror*), além de promover uma investigação conjunta com alunos do curso de Administração, acerca do universo do *trabalho*, o qual incluiu a produção de uma entrevista com uma aluna sobre sua experiência individual de trabalho na rede McDonald's.

Numa quarta e última proposta, buscamos chamar a atenção dos nossos alunos para questões de extrema importância, que fazem parte de uma história pífia da humanidade e nos remete a circunstâncias tanto do nosso passado quanto da nossa atualidade. São temas que atravessam questões delicadas como o racismo, a intolerância, o preconceito e a homofobia.

Casos de declarações polêmicas e preconceituosas sempre estão na pauta da história brasileira e até nos noticiários internacionais. Essas questões são utilizadas como exemplos para as nossas aulas, tornando-se objetos de debates e discussões. Situações ocorridas no exterior associadas às agressões físicas aos imigrantes na Europa, o racismo sofrido por jogadores de futebol brasileiros (Neymar, Roberto Carlos e Grafite) e por último o absurdo conferido ao estilista John Galliano, que declarou num bar parisiense “*Eu amo Hitler*”, além de tantos outros insultos a algumas pessoas que estavam próximas a ele e que seriam de origem asiática.

Essa atitude provocou sua demissão da famosa grife *Dior* e a recusa de muitas pessoas a associarem sua imagem às roupas e ao nome do estilista. Caso ilustrado pela atriz Natalie Portman, vencedora do Oscar de melhor atriz pelo filme “*Cisne Negro*”, judia (israelense de nascimento), garota propaganda da *Dior*, que exigiu a retirada de qualquer imagem sua ao trabalho de Galliano.

Dessa forma, relacionamos temas como racismo, preconceito, intolerância e homofobia, com reflexões sobre o que acontece no Brasil e no mundo, e como isso se processa e gera impactos no universo do *trabalho*.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos relatar aqui a experiência docente realizada nos cursos de Engenharia e Administração utilizando o eixo do *trabalho* na condução das propostas de intervenção pedagógica. Os objetivos do ensino de História no ensino superior em cursos que não se vinculam mais diretamente às ciências humanas (no nosso caso, áreas de conhecimento das ciências sociais aplicadas e exatas) não se parecem muito diferentes dos fundamentos explicitados na LDB e PCN's no ensino fundamental e médio.

A percepção de que o homem faz parte do mundo, o tratamento de conceitos importantes como tempo histórico, mudanças e permanências, singularidade e temporalidade e o desenvolvimento de competências que se voltam para a valorização da diversidade e para a formação da cidadania devem ser contempladas.

Acreditamos que a escolha de uma temática que associe as expectativas do mundo profissional com o acadêmico seja capaz de produzir impactos no sujeito da aprendizagem no ensino superior, assim como a História Local e a História Imediata podem fazer no ensino fundamental e médio.

A aproximação do conteúdo com a realidade do aluno, a associação entre ensino e pesquisa, entre teoria e prática são necessárias para estimular a produção do conhecimento histórico e para a elaboração de leituras de mundo revigoradas por novas percepções que a disciplina História vem a contribuir. A partir do tema *trabalho* são desconstruídos modelos e desenvolvidas análises que se aproximam, principalmente, por meio da experiência, com o campo profissional da escolha do grupo contribuindo com a reflexão do ensino da História na formação geral dos cursos universitários e valorizando o pensar da academia na produção do conhecimento e para o desenvolvimento da vida em sociedade.

4. REFERÊNCIAS:

BARROS, José D'Assunção Barros. O campo da História: Especialidades e Abordagens. Petrópolis: Vozes, 2004.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004 (coleção Docência em Formação).

COSTA, Daniel de Souza. A manutenção no (extra) ordinário trabalho de uma borracharia: a construção do aprendizado do trabalhador entre a produção, a segurança e a saúde. 2009. 205 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais/Faculdade de Educação/Belo Horizonte (não publicada).

FONSECA, Selva Guimarães. Didática e Prática de Ensino de História. 4 ed. Campinas: Papirus, 2005. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

GUIMARÃES, S. Pinheiro. Quinhentos anos de periferia: uma contribuição ao estudo de política internacional. 3 ed. Porto Alegre. UFRGS-Revista Gaúcha de Enfermagem, 2001.

SCHWARTZ, Yves, DURRIVE, Louis (Org.) Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana. Trad. Jussara Brito e Milton Athayde... (et al). Niterói, 2007. EdUFF.

BIGELOW, Kathryn. Guerra ao Terror. EUA: Imagem Filmes, 2010. DVD, 130 min.

ADMINISTRADORES. **Brasil pode "importar" engenheiros para cobrir falta de mão de obra.** Disponível em <<http://www.administradores.com.br/informe-se/economia-e-financas/brasil-pode-importar-engenheiros-para-cobrir-falta-de-mao-de-obra/42574/>>. Acesso em 06 fev. 2011.

FACULDADESPITAGORAS. Disponível em <<http://www.faculdadepitagoras.com.br/belohorizonte/cursos/bachareladolicienciatura/engenhariadeprodução>> Acesso em 06 fev. 2011.

YOUTUBE. **El modisto john galliano despedido por comentarios racistas (02-03-11 hechos).** Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=V15eZmhZxvg>>. Acesso em 06 fev. 2011.

_____. **Leonardo Boff - Ética e Ecologia desafios do século XXI.** Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=6YFTh2yEPlk>>. Acesso em 06 fev. 2011.

_____. **RACISM against Neymar- BRAZIL VS SCOTLAND 03/27/2011 -BANANA incident.** Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=8kDIyp6MI5k>>. Acesso em 06 fev. 2011.

_____. **RACISMO: Agressão de skinhead a uma muidinha de 16 anos.** Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=yjt5v88-6Aw>>. Acesso em 06 fev. 2011.

_____. **Roda viva - Leonardo Boff - parte 1.** Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=tzXfelXjcFA>>. Acesso em 06 fev. 2011.

_____. **SUFRE Roberto Carlos Acto Racista en Rusia.** Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=afVUpwnspKo>>. Acesso em 06 fev. 2011.

_____. **Waldez Luiz Ludwig - Sem Censura 2010 - 01.** Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=ODGgpc4y6U8>>. Acesso em 06 fev. 2011.